

“ÍNDIO» PARA ESTRANGEIRO VER: PAN- ETNICIDADE EM CONTEXTO MULTICULTURAL INDÍGENA

Terezinha Machado Maher¹

Resumo: Tendo como pressuposto que as identidades culturais são permanentemente (re)construídas e múltiplas e partindo da premissa de que a identidade não está alocada ou é construída necessariamente em uma dada materialidade linguística, pretendo, neste texto, argumentar que (i) a indianidade, ao contrário do que muitos pensam, pode ser constituída e veiculada, não apenas em/por línguas indígenas, também em interações conduzidas em português e que (ii) nessas instâncias discursivas, membros de povos indígenas constroem-se como sujeitos étnicos, mas também, em ocasiões, como sujeitos pan-étnicos. A interação multicultural aqui analisada com o intuito de convencer o leitor da validade desses argumentos teve por interagentes professores indígenas de quatro diferentes etnias (Jaminawa, Kaxinawa/Huni kui, Yawanawa e Katukina) e faz parte de um projeto de pesquisa de cunho etnográfico inscrito no campo da Linguística Aplicada.

Palavras-chave: Língua. Discurso. Identidades indígenas.

¹Doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Professora associada MS5.1 (Livre-docente) do Departamento de Linguística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas e coordenadora do Curso de Letras do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)/UNICAMP. E-mail: tmaher@unicamp.br

Revista Língua & Literatura	Frederico Westphalen	v. 14	n. 23	p. 97 - 122	Dez. 2012. Recebido em: 26 out. 2012. Aprovado em: 26 nov. 2012.
-----------------------------	----------------------	-------	-------	-------------	---

Introdução

Minha intenção, neste texto, é tentar demonstrar ao leitor, apoiada em dados empíricos, como um grupo de professores indígenas acreanos constrói, discursivamente, uma identidade genérica, pan-étnica para seus membros. O grupo em questão é formado por docentes de 07 diferentes etnias (Kaxinawá/Huni Kui, Yawanawá, Shāwādawa, Katukina, Jaminawa, Asheninka e Manchineri). Em processo de formação continuada à época da coleta dos dados aqui analisados, eles fazem parte de um projeto de educação coordenado pela Comissão Pró-Índio do Acre (doravante CPI-Ac), uma entidade não-governamental e laica sediada em Rio Branco.²

Terezinha
Machado Maher

98

É importante esclarecer, já de início, que a concepção de identidade a que me filio teoricamente, atrela-se à noção de *sujeito pós-moderno*, tal como apresentada por Hall (1998). Dessa perspectivam, não se vislumbra a possibilidade de o sujeito ter uma identidade fixa, essencial, permanente ou natural, nem já dada ou imposta por uma conjuntura histórica e social. Ele não é, assim, um sujeito centrado, unificado, dotado de razão, consciência e ação, como apregoava a perspectiva iluminista. Tampouco ele se assemelha a um *sujeito sociológico*, o qual careceria de toda e qualquer autonomia e individualidade, um sujeito “vazio”, enfim, cujos sentidos seriam preenchidos apenas pelas estruturas sociais. Ao contrário, o sujeito *pós-moderno* ressignifica-se, refaz-se continuamente, assumindo para si, em respostas a diversas transformações sociais, culturais, políticas e econômicas, identidades múltiplas e sempre em construção.

Esclareço, além disso, que, no que tange à relação língua-identidade, ao contrário de muitos que, equivocadamente, acreditam que as línguas indígenas funcionam como depositórios ontológicos de identidades e que, portanto, as identidades indígenas só podem ser veiculadas através dessas línguas, venho, já há tempo, argumentando que a construção da identidade não é do domínio exclusivo de língua alguma: é o discurso, isto é, a linguagem em uso, e não qualquer materialidade linguística específica, quem cria e faz circular o sentido de “ser índio”. Assim sendo, os

²Venho, desde 1992, atuando como assessora dessa entidade para assuntos relacionados a políticas linguísticas e ensino de línguas

povos indígenas lotados em território brasileiro constroem e sinalizam suas identidades étnicas também em português (MAHER, 1998, 2005 e 2006).

As práticas discursivas aqui examinadas compõem o *corpus* primário de análise de um projeto de pesquisa de cunho etnográfico (*Políticas Linguísticas, Políticas de Identidade: Representações em Práticas Discursivas Indígenas*) que se insere em uma vertente da Linguística Aplicada cuja meta é “criar intelegibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem um papel central” (MOITA LOPES, 2006, p. 14) e dar voz a parcelas da população frequentemente silenciadas, com elas assumindo um compromisso político (CAVALCANTI, 2006).

“Índio” para estrangeiro ver: pan-etnicidade em contexto multicultural indígena

99

A totalização do outro: os “índios” brasileiros

Quando digo às pessoas que trabalho em um projeto de educação indígena, elas geralmente demonstram muita curiosidade: “Você trabalha com índios? Como é que eles são?”. A minha resposta sempre vem em forma de uma pergunta. “Sobre que ‘índios’ você quer saber? Você quer saber sobre aqueles que são membros do povo Kaxinawá, do povo Asheninka, do Katukina, do Shawādawa, do Apurinã, do Yawanawá, do Jaminawa ou do Manchineri?”. Essa minha pergunta sempre parece desconsertar as pessoas. Tal desconforto é facilmente explicável: fomos educados no interior de um sistema construído a partir de um posicionamento ideológico que procura diluir as identidades indígenas com o intuito de torná-las menos visíveis aos olhos da nação brasileira. Para tanto, vem-se, desde os primórdios da nossa História, procurando firmar a noção de “índio genérico” para desidentificar os povos indígenas: uma estratégia eficaz quando se quer dominar alguém é destituí-lo de qualquer singularidade, é emprestar-lhe invisibilidade (CALEFFI, 2003; CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006). Vai daí que todos os povos autóctones que habitavam/habitam o território brasileiro terem sido/estarem sendo postos em uma mesma categoria e rotulados de «índios». Ora, esse nosso ato seria o equivalente a, digamos, colocar, lado a lado, um caipira do interior de São Paulo, um quéchua de Cuzco,

um mestre de capoeira da Bahia, um compositor de *rap* de Nova York, um executivo argentino, uma *top model* gaucha, um fazendeiro do Texas e, em seguida, afirmar: “Vocês, **americanos**, são isso, são aquilo...” Essas pessoas certamente iriam se entreolhar e, surpresas, perguntar: “**Nós** quem, cara pálida?”. Um exemplo como esse pode parecer exagerado, mas é justamente isso que fazemos quando fazemos afirmações categóricas sobre como são, como vivem “os índios” brasileiros. O que se tem, em nosso país, são pelo menos 230 etnias indígenas diferentes,³ com crenças e modos muito particulares de estar no mundo, de atribuir sentido às coisas do mundo. Esses povos diferem, entre si, em muitos outros aspectos. Eles diferem significativamente em termos populacionais (os Tikuna são, hoje, mais de 36.000 indivíduos, enquanto os Arikapú somam apenas 33 pessoas na atualidade, por exemplo) e no que se refere às suas experiências de contato com a sociedade envolvente (os Guarani, por exemplo, interagem com o que denominamos “sociedade nacional” há 500 anos, enquanto que os Waiápi só conheceram o “homem branco” há cerca de 30 anos) fazem com que os povos indígenas do Brasil tenham, comparativamente, configurações atuais muito particulares.⁴ Evidentemente, as diferentes experiências de contato com a sociedade envolvente fazem com que os povos indígenas do Brasil tenham, comparativamente, configurações atuais muito particulares. Mas as diferenças entre eles tampouco param aí. Vejamos: os Zo’e falam uma língua da família Tupi-Guarani; a língua falada pelos Kaxinawá, entretanto, pertence à família linguística Pano. Isso significa que um Zo’e e um Kaxinawá observam matrizes culturais possivelmente tão distintas quanto, digamos, um latino e um oriental. E mesmo se considerarmos os grupos que falam línguas da mesma família linguística – como é o caso dos Xavante, dos Kaingang e dos Xicrin, todos falantes de línguas Jê –, ainda assim as diferenças entre esses povos não são nada desprezíveis. Pensar o

³É importante esclarecer que há, em território nacional, cerca de 50 povos indígenas que ainda não foram contatados (Esse e os demais dados numéricos referentes às populações indígenas brasileiras aqui inseridos estão disponíveis em <<http://pib.socioambiental.org/pt/c/0/1/2/populacao-indigena-no-brasil>>. Acesso em: 15 set. 2012).

⁴A partir de uma convenção estabelecida, entre linguistas e antropólogos, em 1953, ficou estabelecido que o substantivo gentílico referente ao nome de um povo indígena seria grafado com maiúscula e nunca pluralizado: tal substantivo, além de muitas vezes já estar no plural na língua indígena de referência, é designativo de um povo, de uma sociedade, de uma coletividade única – e não apenas de um conjunto de indivíduos. Daí nos referirmos aos Palikur, e não aos Palikures; aos Guajajara, e não aos Guajajaras.

contrário seria o mesmo que pensar que um italiano, um francês e um brasileiro, porque falam línguas românicas, seriam idênticos... Não existem, portanto, “índios”, em abstrato, no Brasil: existem, repito, pelo menos 230 povos indígenas distintos em nosso país, e cada um deles com as suas especificidades. O que esses povos têm em comum é o fato de, todos eles, em primeiro lugar, serem de origem pré-colombiana e, em segundo, de terem sido vítimas de uma experiência traumática de contato. Quaisquer outras generalizações precisam ser feitas com muita parcimônia.

Preocupados em desfazer essa totalização equivocada de suas identidades, são muitas as instâncias interativas com não-indígenas nas quais os sujeitos da pesquisa aqui referenciada afirmam suas etnicidades. Apenas à guisa de exemplo, relato o acontecido durante uma visita feita por três professores indígenas acreanos – Llullu Manchineri, Ixá Kaxinawá e Tenê Kaxinawá – a uma escola de 1º grau no município de Campinas, São Paulo. A programação para essa visita, promovida pela escola como parte das comemorações do Dia do Índio, incluiu uma «aula/palestra» para uma 5ª série que foi planejada do seguinte modo: os dois professores Kaxinawá ensinariam os alunos, através de diálogo dramatizado, como cumprimentar em sua língua nativa e Llullu falaria sobre aspectos da vida cotidiana em sua aldeia. Logo após as crianças praticarem, com Ixá e Tenê, o diálogo escrito em Kaxinawá no quadro-negro, o professor Llullu pediu a palavra e, muito assertivamente, esclareceu à classe que ele era membro de uma outra etnia. Sem dizer mais nada, Llullu foi à lousa e escreveu o equivalente do diálogo, apresentado em Kaxinawá, na língua Manchineri. Embora ele estivesse representando os índios do Acre, não lhe interessava, naquele evento, ser visto como «índio genérico» pelos alunos «brancos». Ao contrário, ele marcou, muito incisivamente, que, diferentemente de Tenê e Ixá, ele pertencia a um outro povo, ele era um Manchineri.

É preciso enfatizar, no entanto, que os professores indígenas se utilizam da língua portuguesa para construir e revelar não apenas suas identidades étnicas, mas, também, como argumento neste texto, seu pertencimento a um grupo que, multiétnico, compartilha um projeto político comum. Os dados que

transcrevo e analiso a seguir parecem-me exemplares neste sentido.

A língua franca e a construção do índio genérico

Uma das agências financiadoras do projeto de Educação da CPI-Ac, o comitê norueguês da *Rain Forest Foundation* havia convidado um representante indígena e um não-indígena da entidade brasileira a participarem, na Noruega, de uma série de eventos de sua campanha anual de arrecadação de fundos, que é conduzida por estudantes do Ensino Médio do país. Dada a proximidade da viagem, o professor Júlio Jaminawa foi escolhido pela CPI-Ac para ir àquele país por ser ele, à época, o professor indígena que mais rapidamente poderia se locomover até Rio Branco. Na sua volta, Júlio fez um relato oral de sua viagem para seus colegas que estavam na capital do Estado do Acre para participarem do seu XIII Curso de Formação.⁵ E é neste relato que o leitor poderá perceber, espero, a construção, pelos próprios professores indígenas, de uma faceta de suas identidades: a de índio pan-étnico. Como esta construção não se dá linearmente, sou obrigada a transcrever a interação - que é relativamente longa - na sua íntegra. Resta ao leitor um consolo: mesmo que a leitura do que se segue não o convença da propriedade do argumento acima, ele terá, creio, sua paciência recompensada pelo prazer de, através da narrativa saborosa e tão bem humorada de Júlio Jaminawa, conhecer as aventuras e desventuras da primeira experiência internacional de um professor indígena «lá da cabeceira do Rio Acre...».⁶

Júlio: Aí os pessoal norueguense queria que o índio mesmo participasse também desse projeto. O CPI fez o projeto e encaminhou prá Noruega. Aí o pessoal que estuda, as organização estudantil norueguense, aprova o projeto para o índio...

⁵Interação com Júlio Jaminawa, no trecho aqui transcrito, cinco professores Kaxinawá (Makari, Assis, Maná, Ibã e Ixã), um professor Yawanawá (Nani) e um professor Katukina (Cherê).

⁶Na transcrição dos dados aqui analisados, foram observadas as seguintes convenções: maiúsculas para indicar ênfase; parênteses duplo para indicar comentário do transcritor; aspas para indicar discurso indireto e barra para indicar corte sintático.

Não os índio tudo, para nós professores que 'tamo querendo alcançar, querendo trabalhar com vontade, querendo alfabetizar nossos aluno... E eu acho que é importante a gente continuar, né?... junto com o CPI. Que nós num queremos largar desse nosso estudo porque eu acho que a gente num é ainda aQUEle professor que dá prá ensinar na oitava série... na sétima, na sexta. E por isso mesmo a gente precisamos de alguns recurso prá gente... prá mais ensinar em nossa comunidade. Bom, então, por isso mesmo eu fui escolhido... quer dizer, eu num fui escolhido pela comunidade, não, mas... era eu que 'tava mais próximo... e eu fui participar desse projeto. No dia seis de outubro a gente saiu daqui... Fui eu mais a Vera. A gente saiu prá... daqui de Rio Branco a gente fomos prá Rio. Antes do Rio de Janeiro a gente fez outro lugar, no caso Cuiabá, Campo Grande, São Paulo... e depois Rio. A gente ficamos dois dia no Rio. Aí chegamos também no... em pleno dia seguinte a gente chegamo no capital do Dinamarca que chamam de Kopenhagen. Até a gente num desceu... desceu, quer dizer, aliás trocamos de avião. Daí que a gente conseguiu chegar em Noruega... O capital de Noruega se chama de Oslo. Pois eu gostei da viagem... MUIto. Eu gostei muito... bastante demais. Eu acho que ali... se eu tivEsse dinheiro, virando de mês em mês eu andaria conhecendo outros país, né? ((risos))... mas como a gente num pode, né?, então tudo bem... Mas isso aí era um sonho que eu tinha sonhado prá conhecer... além de conhecer, levar esse nosso interesse de querer trabalhar junto a nossa comunidade, levar essa nossa reivindicação de... dizer qual é o interesse dos índio, porQUE que eles precisa

"Índio" para estrangeiro ver: pan-etnicidade em contexto multicultural indígena

103

desse recurso. Então foi mais prá isso, né? Bom, a gente chegamo no dia dez no capital de Noruega... que se chama de Oslo. A gente ficamos dois dias, aí fomo se apresentar diante de... estudantil norueguense. Foi ELES que nos apoiaram o nosso projeto que nós «tamo participando do curso através do CPI e... eles são muito interessado em querer ajudar o índio. Muito interessado mesmo e me receberam basTANte bem mesmo. Só tem uma coisa que eu acho que não é bom índio morar lá porque tem muito frio... clima muito... muito baixo, frio todo o tempo. Logo que nós chegamo no aeroporto internacional de... de Oslo, meu beíço ficou logo molhado de chuva... Eu digo «MINHA NOSSA!» ((risos)). Eu peguei foi gripe, ficava saindo água do meu nariz... Mas foi um sucesso, eu acho que... eu mosTREI o nosso interesse, não/quer dizer, não falei só o nome da minha comunidade, falei GEralmente nós... Quanto professores nós samo... Falei geralmente... em geral do nossa região do Acre e cada escola que a gente tem. Antes de nós começar nossa campanha a gente tivemo lá... no capital deles. Passemos dois dias e depois de dois dias a gente caminhamos, começamo a viajar de trem... E num foi SÓ o Brasil que participou desse projeto... ((em tom didático)) quatro país participaram do projeto estudantil norueguense... quais foram? foi o Brasil, foi o Peru, Bolívia, Costa Rica... Porque hoje não é só nosso só país... aquele que fica no Mercado Sul, como seja, a Argentina, a Bolívia, né? que é considerado como terceiro mundo e por isso eles também foram até lá também como a gente levamos aquela notícia de... querer melhorar ou tirar alguma coisa que tem que ser aplicada esse recurso, né? E a gente foi e a gente

começamo nossa campanha... Viajei de trem, oito hora de viagem... Só que eu num gostei de trem... ((rindo)) Isso num é prá índio, não... isso é prá eles lá ((risos)) Índio é acostumado a andar de canoa, não de trem... Lembro da primeira vez que eu fui, né?... quando partiu o trem eu fiquei animado, né? Depois... Eu num gostei de trem, não...

Makari: Por que que tu não gostou, Júlio?

Júlio: É MUIto ruim, rapaz... é muito ruim, não, CORRE demais, é muito... tem muita velocidade... ela é tocado a energia, num sei como ela é mas... ele VAI embora e realmente... ele entra dentro de um túnel assim que faz zoada assim... ((tapando os ouvidos com as mãos)) parecia que tava maTANdo meus ouvido ((risos))... e naquele próprio instante dava uma vontade de provocar ((vomitar))... ((arregalando os olhos)) roDAva meus olho assim ((gargalhadas))... Eu fechava meus olho prá num ver aquelas coisa passando... Bom, aí a gente chegamo, oito hora de viagem, a gente chegamo no seGUNdo capital deles... A cidade se chama de Bering, adonde começou a minha campanha. Primeiramente eu comecei palestrar com os aluno do oitava série... na base de vinte, ou vinte e dois aluno... E nesse dia a gente palestrou em DUas escola... e em CAda escola tinha quatro grupo de aluno... ou era três?... Aí quando terminava a gente voltava prá essa cidade de Bering. Mas aí foi muito bom, a gente se deu muito bem... Eu também entrava assim prá mostrar como era nossa cultura, né? O Txai Terri tinha me dada um... um urucum, eu pintava meu rosto... e aí eles me fizeram tantas várias perguntas...”Por que que o índio USA esse tipo de... urucum?” Eu digo, “Não, isso é porque... isso é nossa

“Índio” para estrangeiro ver: pan-etnicidade em contexto multicultural indígena

105

cultura que a gente, que a gente usamo... Mas também num é SÓ esse negócio de pintar... em cima disso também tem outra questão... É que o índio tem um modo de viver diferente.»
Aí eles me fizeram TANTa pergunta... Eu falei também do projeto da CPI também... Mas foi muito bem, eu gostei MUIto. Eles... eles me receberam bastante bem. Aí nesse dia terminou... o nosso palestra. Mas isso foi no dia vinte e dois. Que a gente começou foi no dia... dia doze. ((sorrindo)) Mas foi muito bem, muito bem... Eu gostei. E o que eu quero dizer é... foi isso que eu vi... ((com o semblante sério)) Agora tem... a gente NUM vai considerar aquele país como o nosso aqui... realmente é um país muito desenvolvido em todo de tudo, né?... em saber... É, realmente aquelas pessoa é o primeiro mundo... Você entra no país e vê aquelas coisa que você num vê aqui no Brasil... Também a gente num vai comparar com o nosso Brasil porque... no nosso Brasil tem muita gente, né? Agora tem... cento e poucos ((milhões)) de habitantes aqui no Brasil e Noruega tem só QUATro milhão de habitantes... por isso é que eles tem mais como segurar... Bom, eu... foi isso, né? E assim que terminou o nosso palestra, a gente... se encontramos também. Aí eles fizeram umas pergunta... se o índio ÍA mesmo, mesmo melhorar de... de situação com esse recurso que o Noruega ia, ia... éh... financiar. Eu digo, «NÃO... prá melhorar a situação do índio tem que ser MUIto dinheiro, num é só isso que «cês «tão pensando, não... porque eu acho/prá melhorar, eu acho que tem pouco dinheiro...» Mas foi muito bem... e ESSE dinheiro que vem é prá cinco ano... prá gente participar do curso durante cinco ano... Ele vai ser financiado/

durante cinco ano... Foi tudo bem, gostaram muito de mim... e também ganhei alguns presente. Ganhei muito mais foi flores, né? ((risos)) Foi mais é flores que eles me deram, mas tudo bem... Eu palestrava e aí eles me davam flor.

Assis: Tu num era moça prá ganhar flor... ((risos))

Júlio: Mas também ganhei algum presente mais valioso, né?... como seja, ganhei dois relógio... ganhei um violão...

Nani: 'cê trouxe o violão?

Júlio: não, num trouxe, não... ficou em casa. Mas valeu, né? Valeu... verem pessoalmente o índio, né? Porque lá TEM índio, mas não como semo nós, como índio assim... lá os índio «tá querendo chegar num nível que... a gente num/ eu acho que a gente num vai chegar, não... Os índio lá já é considerado como seja Noruega mesmo. Eles têm própria organização deles... num dependem de ninguém, eles mesmo tomam conta... Eles têm de TUDO, tem até uma fábrica deles... Também a gente num vai comparar com os índios daqui, né?... Tem índio lá que eles chamam de Sami, tribo de Sami... E também eu vi tantas coisa interessante também, muitas coisa interessante, muitas coisa que... Eu passei pelo São Paulo, Cuiabá... e bem dizer eu passei no Rio também que eu vi coisa triste também... desemprego... coisa assim que a Noruega, ela num tem... Eles também fizeram uma pergunta a mim sobre a vida minha e eu também perguntei sobre a vida de lá também, querendo saber... Aí, eles me falaram, né? *“Não, aqui na Noruega é... pouca gente, é pouca gente, aqui não existe desemprego... Aqui cada um vive melhor... não vive melhor, né?... dá prá cada um se sustentar, comer e viver...”* Nosso Brasil também nós num

“Índio” para estrangeiro ver: pan-etnicidade em contexto multicultural indígena

107

possamo comparar com a Noruega, eles são pouco habitante... Mas foi isso que... que eu obtive lá. Passei só lá acho que foi quatorze ou quinze dias, num sei... na Noruega. O clima muito frio demais... as comida difeRENte, as comida MUIto diferente daqui. Aqui se a gente num planta, a gente num enche o bucho com macaxeira... Mas lá num tem macaxeira. A mistura deles é baTAta, é batata... Come mais é fruta... pera, uva, abacaxi... abacaxi nem tanto... é que lá num se planta, né?... é transportado da África. Banana e peixe tem, peixe tem... Boi tem... Num sei se é de lá, se é criado lá. É muito diferente... Lá num tem como plantar mesmo... é tudo cheio de pedra, num tem mesmo como plantar ali...é cheio de montanha. Toda vez que eu ia pro interior, assim palestrar pros aluno, eu mandava parar em algum lugar prá ver esse tipo de gelo que lá tem... GELO mesmo... Eu bati alguns foto mas num trouxe,mas era prá eu trazer prá mostrar prá vocês... e eu num trouxe...

Cherê: É bom 'cê ir lá buscar ((risos))

Júlio: Mas foi bom... Eu acho que foi legal... Eu tou falando aqui prá ficar mais informado vocês... Durante CINco ano a gente vai participar do curso que o Noruega VAI financiar durante cinco ano... E eu achei interessante também o pessoal estudantil norueguense interessado em querer ajudar a gente... Porque tem um dia mundial deles fazer campanha, ELES mesmo estudantil... Eles são bem organizado, num tem... num tem entiDade. O próprio estudante se organizaram ELES mesmo... para ajudar a ARREcadar o dinheiro do país... prá financiar pro terceiro mundo, pra aquele que vai atrás... Então assim mesmo, foi que o CPI mandou algum projeto e então eles disse

“*Tudo bem, a gente ajudamos.*” Então, é uma organização do Noruega que tem própria estudantil... Eles arreCAda esse dinheiro, eles arrecada MUIto, MUIto... num é pouco, não. E é geral do país que faz esse tipo de coisa, né? É cada município... Aquele dinheiro que é arrecadado eles manda prá o Comitê Central... É lá que o pessoal vai verificar quanto foi apurado... E depois da apuração, ele decide... esse aqui vai prá aquele pessoal, como seja, né? Brasil, Costa Rica, Bolívia, Peru... Então foi mais isso que a gente foi atrás... que eu vi, né? Muito interessado o pessoal querendo ajudar nós... Não só nós, né? O Bolívia também foi atrás deles... o Peru também foi. Mas foi muito bem... Eu também/eu falei só em português porque chegar lá e num falar português que que ia resolver, né? Aí eles me perguntaram “*Você só fala só português?*”... eu digo, “*Não... eu num falo muito bem português, eu falo muito bem a MINha língua.*»... «*Então fala prá mim aí, deixa eu ver.*”... eu digo “*Eu FALO.*”... “*E tu sabe cantar na tua língua?*”... eu digo, “*Eu SEI.*” e cantava prá eles... ((rindo)) Aí me emprestaram um violão... ((risos)) Tinha vez que eu fazia era *show* o tempo inteiro porque... ((gargalhadas)) Eu cantei bastante... canTava... canTava... ((tentando se recompor)) Mas foi muito bem, acho que foi um sucesso prá nós aqui... não só prá mim. ((os professores indígenas que estavam em silêncio até então começam a conversar entre si. Há um burburinho generalizado na sala)) Eu acho que algum dia também se um de vocês irem, eu acho bonito nós mesmo ir reivindicá...((INC))

Maná: É... ir mostrar ((trecho incompreensível)). Júlio, canta a música aí prá gente ouvir... que você cantou na Noruega.

“Índio” para estrangeiro ver: pan-etnicidade em contexto multicultural indígena

109

Júlio: Ah?

Ibã: ((rindo) Não, canta uma música que tu cantou pros norueguense... por exemplo, né?... aqui nós somos família de Noruega, né?... tu 'tá chegando aí pra se apresentar... ((risos)) VAI, faz aí, faz pra gente ver...

Júlio: Mas 'tá me faltando/mas sem o violão, né?... aquela música que eu fiz/Porque eu tenho minha música... ((rindo)) porque nós somos artista também agora, né? ((risos))... E eu ia cantando e tocando... e cantando na minha língua... Eu cantei aquela minha música que eu sei...

Ibã: Então vai, CANTa...

Júlio: Eu canto mais, eu canto mais melhor... com o violão é que eu sei cantar... Também cantei o música do cipó também... do cipó ((trecho incompreensível)). Os pessoal gostaram do meu canto. Fizeram várias pergunta... perguntaram qual era a nossa religião também... Perguntaram se o índio vai querer se entregar como muitas culturas que se perderam... Como seja, eles tem mais/eles SABem muito MAis do que nós lá... Aqui, nós que estamos aqui no Brasil, ninguém num 'tá sabendo o que 'tá acontecendo com o índio, e eles, outro país, já sabe o que 'tá acontecendo aqui nesse país... Num sei COMO eles sabem... Eles estudam através de mapa, eu sei lá... Como é que eles sabem dessas coisa, eu nem sei... Mas foi isso... Eu já contei bastante... A primeira vez quando eu entrei na escola deles tinha SEISCentos aluno, quatroCENTos... Quando eu entrei assim, eu fiquei assim meio nervoso... ((alguém ri)) Eu digo «*Minha nossa, quanta gente aqui...*» E cada, cada pessoal louros assim... BRANco... E diante deles eu me senti assim NEgro... ((olhando para o próprio

braço)) Eu olhava assim e eu dizia “*Mas eu sou preto demais...*” ((risos)) E o pessoal ficava ali todo me olhando... Eu já ‘tava era com vontade de ((tocando nos cabelos e rindo)) pintar meu cabelo assim prá ver se ficava louro... mas também num dava, né? ((risos)) Prá que ficar com o cabelo louro e o corpo, né?... preto? Mas foi isso, foi mais isso que gente fez, que a gente notou... E eu me senti perdido na volta, né? Que eu nunca tinha saído também, igualmente vocês também que nunca saiu... E a gente se sente perdido quando, quando a gente sai... e logo quando a gente NUM fala a língua do país, né? Quando cheguei de volta de Oslo, vim prá Dinamarca, de Dinamarca cheguei/ fiquei perdido também... Eles ligaram de lá prá uma aeromoça me receber no aeroporto. Ela me recebeu lá... mas eu num entendia ELA nem ELA me entendia ((gargalhadas)). Eu saí já assim, ia enrolando, pensando “*O qu’eu vou dizer pr’esse pessoal prá mim pegar cartão de embarque?*” De repente tinha uma moça lá na frente... ((faz um gesto com a mão indicando o aceno feito pela moça para chamá-lo))... Ela me falou um negócio assim e eu fiquei ((olha fixamente para a frente com os olhos arregalados))... prá ver se com o olho eu entendia... ((gargalhadas)) Mas tudo bem, ela me encaminhou, tinha um carrinho lá, ela me botou sentado... Aí a gente ficamo na sala de espera, esperando assim a chamada de vôo... Aí eu vim s’embora... Cheguei aqui em nosso capital, eu me senti mais em casa... Foi bom a viagem minha... ((trecho incompreensível)) eu acho que a gente vai aproveitar esse projeto... Todo esse dinheiro eu acho que vem prá gente desenvolver mais em cima desse projeto. Então vamo aproveitar... já que eles mandaram esse

“Índio” para estrangeiro ver: pan-etnicidade em contexto multicultural indígena

111

dinheiro prá gente aproveitar esse tipo de estudo, então vamo aproveitar e... trabalhar em cima disso, né? Então eu acho que era só isso... Já falei muito. Depois a gente conversa mais ((rindo)) pr'eu contar umas estórias...

Maná: Uma pergunta, Júlio.

Júlio: Sim

Maná: E quando você 'tava reunido lá com as pessoa... ((demonstrando estranheza)) 'cê falava no português e eles entendia a sua fala?

Júlio: NÃO... tinha um rapaz, né? Sim... tinha um rapaz que trava/trabalhou, não, ele estudou em Belo Horizonte. Ele veio de Noruega e estudou um ano... aí estudou português, né? E ele num falava quase muito bem, mas ele fala...

Ibã: Entende, né?

Júlio: Eu falava em português e ele traduzia na língua norueguês prá... Foi mais isso... Se fosse só eu na minha língua eu 'tava perdido... ((risos)) Como é que eu ia me encaminhar, me dirigir, né? Mas foi muito bom... Eu acho que é isso. Depois a gente conversa ma/tem alGUma pergunta que 'cês querem falar?

Ixã: Eu queria... eu vou fazer uma pergunta... E o país deles... Porto Rico, né?... como é?

Júlio: Por... ah? Como?... Noruega?

Ixã: ...éh... COSta Rica... donde é que fica esse país?

Júlio: Olha, Costa Rica fica no América Central...

Ixã: ah...

Júlio: ((gesticulando como se estivesse apontando em um mapa)) Prá cá é América do Sul, tem América Central... fica na cabeceira com... na ponta do... do Venezuela, Costa Rica... Porque na Costa Rica, eles também... eles foram MAssacrado igualmente nós também... Com quinhentos ano de luta que a gente continua... o índio querendo se mostrar, nosso povo

sofrido... E eles mesmo assim também... Eles levaram aquele reivindicação deles... eles <tão querendo melhorar também, querendo saIR também... como a gente <TÁ QUERENdo também sair dessa... como a gente <tá querendo chegar lá... Muitos/num é só hoje, num é SÓ hoje, num é SÓ nós que luta... têm muitos outros lugares fora do Brasil, que é vizinho, também que <tão querendo também o PRÓprio índio se organizar e... leVAR esse reivindicação do povo TAMBém massacrado igualmente nós... Tem OUtras aldeia de índio falando em nome do índio... que <tá sendo conhecido mais... ((pausa de 4 segundos)) Pois é isso... ((pausa de 5 segundos)) Tem mais alguma pergunta?

“Índio” para estrangeiro ver: pan-etnicidade em contexto multicultural indígena

113

Essa é, sem dúvida, uma interação riquíssima em possibilidades de análise mas, neste texto, limito-me a discutir apenas algumas pistas de como Júlio Jaminawa e seus colegas elaboram e revelam, em vários momentos, uma identidade indígena coletiva, pan-étnica. Logo no início de sua fala, Júlio diz: *“Bom, então, por isso mesmo eu fui escolhido... quer dizer, eu num fui escolhido pela comunidade, não, mas... eu que ‘tava mais próximo... e eu fui participar desse projeto”*. Enunciados muito semelhantes apareceram várias vezes no *corpus* que venho analisando. Um exemplo:

Então eu estava lá na aldeia e todo mundo eles me conheciam que eu sabia MAIS de que eles, né? Então eles me escolheram... A comunidade mesmo que me escolheu, num sabe?... Então me perguntaram e eu aceitei essa proposta, né? (Professor Tui Kaxinawá)

Terem sido escolhidos pelas comunidades a que pertencem é importante para os professores indígenas porque tal fato assegura a legitimidade da posição que ocupam. Tanto isto é verdade que o professor Maná Kaxinawá se apresenta em um evento afirmando:

É, eu num fui escolhido pela comunidade mas também foi assim mais do meu interesse mesmo porque... porque essa função de professor não era bem conhecido na minha aldeia [...] Eu mesmo me escolhi, me deu aquela vontade...

Maná não pode dizer que foi, de fato, a sua comunidade quem o escolheu para professor da aldeia e, para que isto não o desqualifique, ele apresenta uma justificativa para esta não-escolha: a comunidade, na época, não sabia exatamente o significado de eleger alguém para este cargo. Júlio, na interação aqui focalizada, faz, também ele, exatamente o mesmo: justifica-se por não ter sido escolhido pela comunidade para representá-la. Se observarmos o termo «comunidade» nas falas de Tui e de Maná, no entanto, veremos que ele remete à aldeias indígenas Kaxinawá. A utilização do mesmo termo por Júlio não está, claro, ligada a nenhum aldeamento Jaminawa: «... *eu mosTREI o nosso interesse, quer dizer, não falei só o nome da minha comunidade, falei GEralmente nós...*». A comunidade perante a qual ele se desculpa e se justifica é a comunidade formada pelos professores indígenas do projeto da CPI-Ac. E qual é, exatamente, a natureza, a composição desta comunidade, deste «nós» a que Júlio se refere? Quais são, afinal, seus interesses? A princípio, poderíamos pensar que a resposta seria: esta é uma comunidade formada por profissionais da educação interessados em conseguir fundos para garantir a continuidade de sua formação profissional.

Aí o pessoal que estuda, as organização estudantil norueguense, aprova o projeto para o índio... Não os índio tudo, para nós professores que 'tamo querendo alcançar, querendo trabalhar com vontade, querendo alfabetizar seus aluno... E eu acho que é importante a gente continuar, né?... junto com o CPI. Que nós num queremos largar desse nosso estudo porque eu acho que a gente num é ainda aQUEle professor que dá prá ensinar na oitava série... na sétima, na sexta. E por isso mesmo a gente precisamos de alguns recurso prá gente... prá mais ensinar em nossa comunidade.

O interesse pedagógico do grupo é, definitivamente, um elo que une os membros desta comunidade, mas não é o único. Estes não são quaisquer professores, estes são professores indígenas. Esta comunidade é indígena. Mas seria ela indígena porque comporta, em seu interior, índios de diferentes etnias?

Creio que não. Os membros desta comunidade não se caracterizam fundamentalmente, nesta interação, pelas suas diferenças. Ao contrário, percebe-se um esforço para minimizar tais diferenças. Vejamos alguns casos:

*Aí eles me perguntaram “Você só fala só português?”... eu digo, “Não... eu num falo muito bem português, eu falo muito bem a MInha língua.”... “Então fala prá mim aí, deixa eu ver...”... eu digo, «Eu FAlô...»... «E tu sabe cantar na tua língua?»... eu digo, «Eu SEI...» e cantava prá eles... ((rindo)) *Aí me emprestaram um violão... ((risos)) Tinha vez que eu fazia era show o tempo inteiro porque... ((gargalhadas)) Eu cantei bastante... canTava... cantava... ((tentando se recompor)) Mas foi muito bem, acho que foi um sucesso prá nós aqui... não só prá mim.**

“Índio” para estrangeiro ver: pan-eticidade em contexto multicultural indígena

115

Júlio afirma ter falado e cantado em sua língua - Jaminawa - mas a ênfase colocada em “*MInha* língua...” estabelece oposição à língua dos brasileiros não-indígenas, o português. E para que este «*MInha* língua» não seja interpretado como «não a de vocês outros índios», Júlio, rapidamente, esclarece “*foi um sucesso prá* nós aqui... não só *prá mim*”. Marcar diferenças étnicas não é interessante na maior parte desta interação, muito pelo contrário:

*E nesse dia a gente palestrou em DUas escola... e em CAdA escola tinha quatro grupo de aluno... ou era três?... *Aí quando terminava a gente voltava prá essa cidade de Bering. Mas aí foi muito bom, a gente se deu muito bem... Eu também entrava assim prá mostrar como era nossa cultura, né? O Txai Terri tinha me dada um... um urucum, eu pintava meu rosto... e aí eles me fizeram tantas várias perguntas...*” Por que que o índio USA esse tipo de... urucum?” Eu digo, “Não, isso é porque... isso é nossa cultura que a gente, que a gente *usamo*...”*

Chamou-me, de imediato, a atenção, na análise preliminar desta interação, o fato de que, neste trecho, Júlio, por duas vezes, diz “*nossa cultura*”. Minha primeira hipótese foi a de que um impedimento gramatical explicasse a não flexão do sintagma no plural. Esta hipótese não se sustentou. Logo no início de sua fala este professor Jaminawa diz “*nós que ‘tamo [...] querendo alfabetizar nossos aluno*...” . A gramática da variedade do portu-

guês falado por Júlio Jaminawa permite a flexão do pronome possessivo. Portanto, ele poderia ter dito “nossas cultura”, mas não disse. Por quê? Se o sintagma não flexionado tivesse aparecido só na resposta à pergunta feita pelo europeu nada de significativo poderia ser dito aqui. Nas representações do branco, os índios da Amazônia fazem parte de um só povo, daí o apagamento das diferenças culturais (“*Por que que o índio USA esse tipo de... urucum?*”) Júlio, sabendo disto e não lhe interessando desfazer o equívoco, teria respondido “*Não, isso é porque... isso é nossa cultura que a gente, que a gente usamo...*”. Esta explicação, contudo, não se aplica ao que foi dito anteriormente (*Eu também entrava assim prá mostrar como era nossa cultura, né?*) Aí Júlio não está reproduzindo, em discurso direto, o que foi dito a «branco» nenhum. É ele quem está falando e está falando para os outros professores indígenas. Lançando mão de um elemento comum a todos do grupo - o urucum - Júlio faz um amálgama, uma síntese cultural e cria uma outra cultura indígena que é, «nossa», é de todos os índios, é pan-étnica. É verdade que todos os povos indígenas do Acre se pintam com o urucum, mas, a frequência de uso varia muito de etnia para etnia (os Manchineri o fazem raramente, os Jaminawa com frequência, os Ashenika quase que cotidianamente). Também o significado místico, curativo atribuído a esta pintura corporal varia, dependendo do grupo e de seus rituais. Estas diferenças, no entanto, são postas de lado, ignoradas, para possibilitar a emergência do «índio portador de uma cultura genérica». Qual é o interesse na existência desta identidade indígena? Por que Júlio tem permissão do grupo para fazer isto? As respostas a estas perguntas podem ser deduzidas do trecho que se segue:

(...) Porque Costa Rica também... eles foram MASSacrado igualmente nós também. Com quinhentos ano de luta que a gente continua... o índio querendo se mostrar, nosso povo sofrido... E eles mesmo assim também. Eles levaram aquele reivindicação... eles tão querendo melhorar também, querendo saIR também... Como a gente tá QUERENDO também sair dessa... como a gente tá querendo chegar lá... Muitos/num é só hoje, num é SÓ hoje, num é SÓ nós que luta... Tem muitos outros lugares fora do Brasil, que é vizinho, também que tão querendo também o PRÓprio índio se organizar e... leVAR esse reivindicação do povo

TAMBÉM massacrado igualmente nós... Tem OUTRAS aldeia de índio falando em nome do índio... que <ta sendo conhecido mais...

Este trecho deixa claro a que interesse, além dos ganhos profissionais, Júlio Jaminawa se referia quando, no começo da interação, afirmou: *... eu mosTREI o nosso interesse, quer dizer, não falei só o nome da minha comunidade, falei GEralmente nós...>*. Estes índios têm uma reivindicação comum por serem membros de povos que foram, historicamente, vencidos. E todos eles - não apenas os Jaminawa, os Kaxinawá ou os Shawáwawa - querem sair da situação adversa em que foram colocados, via massacre: *a gente 'TÁ QUERENdo [...] sair dessa... a gente 'tá querendo chegar lá...* “Lá” é na autodeterminação política, é na emancipação econômica e social. E o primeiro passo para que sua reivindicação seja ouvida é apagar o apagamento histórico: é se tornarem, todos, novamente, visíveis (“*Com quinhentos ano de luta que a gente continua... o índio querendo se mostrar*”). E neste sentido a viagem de Júlio à Noruega foi um sucesso: “*Mas valeu, né?... Valeu verem pessoalmente o índio, né?*”. Não um índio Jaminawa, observem, mas o índio, ou seja, todo aquele que, independente da etnia, foi vitimado pelo contato. Agora, as probabilidades de conseguir a visibilidade almejada são maiores quanto maior for o número de reivindicantes. Os professores indígenas sabem disto. Eles sabem que os avanços sociais, políticos e econômicos que os povos indígenas do Acre conseguiram nas últimas duas décadas não foram apenas decorrência das lutas isoladas de cada um destes povos. Os ganhos obtidos por um dado povo indígena, com relação, por exemplo, à posse da terra, rapidamente, ecoa e incentiva ou favorece lutas semelhantes de outras etnias. Estas lutas comuns possibilitaram que, apoiados pelas entidades indigenistas do estado, eles se articulassem e estabelecessem alianças entre si. O fortalecimento destas alianças é, neste processo de “globalização” indígena, extremamente importante. Por isso, mais interessante do que apontar diferenças étnicas é, muitas vezes, ressaltar o interesse em comum. Daí Júlio ter podido fazer o “amalgama cultural” que fez. O professor Jaminawa não é, na interação em foco, o único interagente, entretanto, a desconsiderar diferenças étnicas.

“Índio” para estrangeiro ver: pan-etnicidade em contexto multicultural indígena

117

Eu estava presente a este evento e, para mim, ficou patente que o riso fácil de todos traduzia a alegria e o orgulho de terem sido representados na Europa por alguém tão carismático, tão bem articulado, tão assertivo,⁸ tão talentoso como Júlio Jaminawa. Em um dado momento, Ibã, não se contentando com o relato, quis visualizar a cena que os europeus haviam presenciado:

Ibã: ((rindo)) Não, canta uma música que tu cantou pros norueguense... por exemplo, né?... aqui nós somo família de Noruega, né?... tu «tá chegando aí prá se apresentar... ((risos)) VAI, faz aí, faz prá gente ver...

Júlio: Mas 'tá me faltando/mas sem o violão, né?... aquela música que eu fiz/Porque eu tenho minha música... ((rindo)) porque nós semo artista também agora, né? ((risos))... E eu ia cantando e tocando... e cantando na minha língua... Eu cantei aquela minha música que eu sei...

Ibã: Então vai, CANta...

Para Ibã, não era relevante que a música tivesse sido cantada em Jaminawa, e não em sua língua, o Hãtcha Kui. É como se ele – atestando o caráter manipulatório da identidade étnica descrito por Cardoso de Oliveira, em 1976 e 2006, e por Cuche, em 2002 – colocasse em suspenso, neste momento, tanto a sua identidade tribal quanto a de Júlio, em atenção ao interesse maior e comum de alcançar a visibilidade. O importante era que o «branco» - e não um «branco» qualquer, diga-se de passagem, um «branco» de um país de primeiro mundo... - vira e ouvira um índio, qualquer que fosse sua etnia. Para quem, até há pouco tempo, nem sequer existia em sua própria terra natal,⁹ esta não é uma questão banal. Esta é uma questão política fundamental. Temos aqui, então, o uso do português como língua franca permitindo que uma identidade indígena pan-étnica se sobreponha, por vontade política do sujeito, à sua etnicidade. Curioso, o branco apagou as diferenças étnicas para apagar o índio da História.

Hoje, o índio esconde as diferenças étnicas para nela se reinserir...

Não é incomum, em uma conversação, os falantes mostrarem diferentes facetas de suas identidades, animando, assim, como esclarece Sebba (1993, p. 133), diferentes papéis sócio-culturais, diferentes *personas*. É interessante notar como Júlio faz isto na interação observada. O trecho anteriormente analisado é uma das poucas ocasiões em que ele traz à tona o fato de ser, especificamente, Jaminawa (“*E eu ia cantando e tocando... e cantando na minha língua*”).⁸ Mas este único caso é suficiente para afirmarmos que, ter que gerenciar, na interação, dois polos identificatórios - índio étnico e índio genérico - é, hoje, para os professores indígenas do projeto da CPI-Ac uma realidade em muitos eventos comunicativos. Uma realidade que, como diria Agier (2001), é resultado do conflito, permanentemente posto aos sujeitos em tempos de globalização, entre o apego ao local e o apelo do global.

“Índio” para estrangeiro ver: pan-etnicidade em contexto multicultural indígena

119

Considerações Finais

Neste texto, pretendi trazer evidências, mais uma vez, de que a construção da identidade indígena, embora seja essencialmente da ordem do discurso, não é feita no domínio exclusivo das línguas indígenas. Espero ter demonstrado que os professores observados se utilizam também da língua portuguesa para assinalar indianidade. «Ser um professor indígena» em português é, conforme dados analisados em Maher (1998), agradecer não verbalmente como é o costume Manchineri, é «ter um pensamento Kaxinawá», é insistir no modo Apurinã de se cumprimentar, é ter expectativas de que as pessoas polidamente se apresentem como sabem fazer os Yawanawá. Mas «ser professor indígena em português», é, também, por vezes, descolorir, empalidecer estas especificidades étnicas, em prol da construção de uma outra faceta de sua identidade na qual ele, porque comprometido com uma causa política, revela-se, discursivamente, um índio pan-étnico. Portanto, a língua portuguesa, para estes professores, é também o lugar onde se afirma a coexistência - não necessariamente pacífica - de um índio étnico e de um índio genérico, coexistência esta

que atesta, como insistem, por exemplo, Bauman (2005), Hall (1998), Silva (2000) e Woodward (2000), o multifacetamento na constituição do sujeito pós-moderno.

“BEING INDIAN” TO FOREIGNERS: PAN-ETHNICITY IN AN INDIGENOUS MULTICULTURAL CONTEXT

Abstract: Taking into consideration that cultural identities are multiple and permanently (re) constructed, and taking into account that identities are not allocated or constructed necessarily in any give language, it is my intention, in this text, to argue, first of all, that indigenous identities, contrary to what is common view, can be formulated and revealed, not only through indigenous languages usage, but also in interactions conducted in Portuguese. Secondly, it is argued that in such discursive instances, members of indigenous peoples reveal and reaffirm their ethnic selves, but also, on occasions, their pan-ethnic identity. A multicultural interaction analysis involving indigenous teachers of four different ethnic backgrounds (Jaminawa, Kaxinawa/Huni kui, Yawanawa e Katukina) is done in order to try and convince the reader of the validity of the above arguments. Such data is part of the corpus of an ethnographic study in the field of Applied Linguistics.

Keywords: Language. Discourse. Indigenous identities.

Referências

AGIER, M. Distúrbios Identitários em tempos de globalização. *Mana*, v. 7, n. 2, out., 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132001000200001>. Acesso em: 12 jun. 2010.

BAUMAN, Z. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CALEFFI, P. O que é Ser Índio Hoje? A questão indígena na América Latina/Brasil no início do século XXI. In: SIDEKUM, A. (Org.). *Alteridade e Multiculturalismo*. Ijuí: Editora Ijuí, 2003, p. 175-2006.

CAVALCANTI, M. C. Um olhar metateórico e metametodológico em pesquisa em Linguística Aplicada: implicações étnicas e políticas. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 233-252.

IGLESIAS, M. P. e AQUINO, T. V. *Processo de regularização de terras indígenas e organização política dos índios no Estado do Acre (1975-1994)*. Rio Branco: mimeo, 1994.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. *Caminhos da Identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo*. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

CUCHE, D. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Tradução de Viviane Ribeiro. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

MAHER, T. M. Sendo Índio em Português. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Lingua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Editora Mercado das Letras, 1998, p. 115-138.

_____. A Criança Indígena: do falar materno ao falar emprestado. In: A. L. G. de Faria e S. A. Mello (Orgs.). *O Mundo da Escrita no Universo da Pequena Infância*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005, p. 75-108.

“Índio” para estrangeiro ver: pan-etnicidade em contexto multicultural indígena

121

_____. Formação de Professores Indígenas: uma discussão introdutória. In: L.D.B. Grupioni (Org.). *Formação de Professores Indígenas: repensando trajetórias*. Brasília: MEC / SECAD, 2006, p. 11-38.

_____. Políticas Linguísticas e Políticas de Identidade: currículo e representações de professores indígenas na Amazônia Ocidental brasileira. *Currículo sem Fronteiras*, v. 10, n. 1, p. 33-48, jan./jun. 2010.

MOITA LOPES, L. P. Uma Linguística Aplicada Mestiça e Ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 13-44.

SEBBA, M. *London Jamaican: Language Systems in Interaction*. Nova York: Longman, 1993.

SILVA, T. T. A Produção Social da Identidade e da Diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e Diferença – a perspectiva dos Estudos Culturais*. São Paulo: Editora Vozes, 2000, p. 73-102.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e Diferença – a perspectiva dos Estudos Culturais*. São Paulo: Editora Vozes, 2000, p. 7-72